

O terreiro lá de casa: reconhecimento de bens culturais e bons encontros na comunidade¹

FLORIANITA COELHO
BRAGA-CAMPOS²

MARIA INÊS BADARÓ MOREIRA³

YARA A. PAULA⁴

LÚCIA FRIGÉRIO PAULO⁵

MARIA ANGÉLICA TAVARES
DE MEDEIROS⁶

RESUMO

Este artigo apresenta um relato de experiência em projeto de extensão universitária, com o objetivo de desenvolver intercâmbio cultural entre alunos migrantes, ingressos na Universidade Federal de São Paulo, *Campus* Baixada Santista, e moradores do Morro Monte Serrat, no município de Santos, SP, migrantes nordestinos de dois municípios do estado do Ceará. Para tanto, foram constituídos grupos de rodas de conversas, oficinas e atividades culturais entre os moradores e os alunos ingressantes dos cursos da UNIFESP – BS. Foram desenvolvidas atividades de identificação das culturas de origem dos alunos universitários e das famílias moradoras do morro; estudo dos hábitos alimentares e das festas populares; ampliação da recepção dos alunos novos para além dos espaços da Universidade; busca pelo conhecimento dos valores regionais tradicionais; além da promoção das diversas culturas por meio de eventos na comunidade, no topo do morro. O trabalho permitiu vivenciar uma aproximação entre a cultura popular e o universo acadêmico, favorecendo as trocas culturais entre a cidade e as diferentes regiões do Brasil representadas pelos participantes do projeto.

PALAVRAS-CHAVE: Extensão comunitária. Migrantes. Cultura popular. Convívio.

ABSTRACT

This article presents the experience with a university extension project with the aim to develop cultural exchange between students migrants, tickets at the Federal University Campus in Santos, São Paulo, and residents of Morro Monte Serrat in the Municipality of Santos, SP migrants two municipalities in the northeastern state of Ceara. For this, groups were formed from groups of conversations, workshops and cultural activities among the residents and the freshman students UNIFESP - BS. Activities were carried out to identify the cultural background of university students and families living on the hill; study of food

1 Este trabalho é resultado do Projeto de Extensão Universitária. Terreiro lá de casa – tem pequi, cuxá, pão de queijo e jambu... tem congada, boi-bumbá e maracatu..., Universidade Federal de São Paulo *Campus* Baixada Santista (UNIFESP-BS), Santos, 2010. Participam os alunos Amanda Giron, Crislaine Oliveira, Gabryell T. de Barbosa, Rafaela C. Baldo, Renata Sasdelli e Tafarel Gomes (Psicologia); Débora M. Cunha e Lílian Rocha (Serviço Social); Amanda C. Pinheiro e Isabela T. Marques (Nutrição); Jussan R. Oliveira (Fisioterapia); Estela Yumi (Terapia Ocupacional) e Luana Cândido (Educação Física).

2 Doutora em Saúde Coletiva. Professora Adjunta do Eixo Trabalho em Saúde. Departamento Ciências da Saúde. UNIFESP-BS.

3 Doutora em Psicologia. Professora Adjunta do Curso de Psicologia. Departamento de Saúde, Sociedade e Educação. Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP - BS

4 Mestre em Educação. Técnica em Educação. Núcleo de Apoio ao Estudante. UNIFESP-BS.

5 Musicista participante do Projeto, coordenadora das oficinas musicadas.

6 Doutora em Saúde Coletiva. Professora Adjunta do Curso de Nutrição. Departamento de Ciências da Saúde. UNIFESP-BS.

habits and festivals; expansion of the receipt of new student spaces in addition to the University, the search for knowledge of traditional regional values, besides promotion of various cultures through community events, on top of the hill. The work experience allowed a closer relationship between popular culture and academia, promoting cultural exchanges between the city and the different regions of Brazil represented by project participants.

KEYWORD: Community institutional relations. Migrants. Popular culture. Conviviality.

INTRODUÇÃO

A universidade pública brasileira, seja com o sistema de vestibular ou com o Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM), recebe alunos de partes distintas do Brasil e, com isso, promove a chegada de um contingente de pessoas de diferentes regiões do País com peculiaridades culturais, de uma cultura popular que, muitas vezes, é estranha ao novo lugar. A cultura popular é aqui compreendida como manifestação de um conjunto de representações geradas na ação social que são dependentes de papéis e das posições ocupadas por um grupo dominado no espaço permitido pelas forças hegemônicas, mas que estão em constante movimento de resistir e ceder, tal como defendem Gomes e Pereira (1992). Assim, compreendemos que os costumes, as tradições, as referências e os gostos, assim como a geografia do território no qual está instalada a universidade, diferentemente do conhecido anteriormente pelos recém-chegados, tendem a ser dominantes. Em razão disso, podem-se estabelecer duas realidades distintas que não se comunicam: o mundo afetivo-familiar, correspondendo à cultura anterior, e o novo mundo acadêmico que se descortina, com demandas bem próprias.

A dinâmica da Instituição de Ensino Superior, seu cotidiano e as atividades de um universo científico e acadêmico, antes desconhecidos pelos ingressantes, requerem imersão e dedicação intensa de seu tempo ao mundo universitário. Por outro lado, inicia-se o convívio com essa nova realidade cultural, sua inserção na cidade, sua moradia, sua adaptação à nova geografia

e novos modos de viver vão se construindo. Essa vivência se dá à parte daquilo que o estudante deixou em sua cidade de origem, de cujas bases tal indivíduo se constituiu. Redirecionam-se afetos e relações forjadas até a sua entrada na universidade.

Diante da revolução tecnológica contemporânea, pode-se supor que a multiplicidade dos meios de comunicação – telefonia, internet – reduza as barreiras entre os dois mundos anunciados anteriormente, levando a acreditar que os ingressantes universitários de outras regiões não perdem os contatos progressos. Por continuidade, passam a conhecer e experimentar distintas realidades regionais, sem grandes transformações cotidianas. Os novos alunos

“ Os novos alunos estariam vivendo possibilidades de misturas culturais, por meio das comidas, temperos, danças, cantos ou vestimentas, diluídas no cotidiano, que são originárias dos mais diversos lugares. ”

estariam vivendo possibilidades de misturas culturais, por meio das comidas, temperos, danças, cantos ou vestimentas, diluídas no cotidiano, que são originárias dos mais diversos lugares. Até porque a internet, a TV, o cinema e a imprensa escrita levam o mundo até as nossas casas.

Contudo, aquilo que é veiculado pelos meios de comunicação carrega uma deformação necessária ao interesse de mercado, moldado por um olhar anterior ao nosso, que procura o lucro e transforma cultura em objeto de consumo. Nessa perspectiva, são construídos sambódromos, um campo para as cavalcadas, e verifica-se que até os cortejos populares de significado religioso podem acontecer em espaços delimitados pelos governantes das cidades. Iguarias como o coentro e o pequi são transformadas em

cremes exóticos a serem aprovados pelos paladares exigentes, e para o consumo seletivo de grandes redes de supermercado, e ao mercado interessa vender. Enquanto isso, as pessoas e a cultura do plantio e da extração desses alimentos se confinam em suas regiões, e no mesmo ritmo do ciclo vital – nascer, crescer/envelhecer e morrer, em um tempo do humano que, mesmo que pouco evidenciado, iguala todos nós.

Nesse sentido, Santos (1986) afirma que o “tempo se dá pelos homens”. Estamos falando de um tempo, do século XXI, em que comidas e coisas têm formas, cheiros e sabores artificiais; tempo em que a indústria alimentícia superdesenvolvida lança no mercado gêneros processados e pré-preparados (MONTEIRO et al., 2011) para facilitar a vida apressada da urbanidade, em que as pessoas se conhecem e podem falar horas via internet sem se aproximar na vida real; tempo de facilidades.

Verifica-se também que as características da comensalidade urbana atual recebem forte influência das mudanças no mundo do trabalho ocorridas nas últimas décadas (GARCIA, 2003). A família tem pouca oportunidade de se encontrar, pois cada um tem seu tempo tomado pela correria de ganhar a vida em horários estipulados pelas escolas e pelos locais de trabalho. E ainda, as brincadeiras, cantigas, danças perdem espaço para os jogos eletrônicos e as brincadeiras solitárias com as máquinas. Isso é agravado pela redução dos espaços da cidade, cada vez mais construída em aglomerados de concreto, e pela violência urbana decorrente da exclusão social, que confina as crianças e os adolescentes dentro de casa.

No mundo acadêmico, vivemos tempos de corrida incansável pelo cumprimento de prazos, em um produtivismo acelerado pelas avaliações de agências e órgãos de fomentos. Nesse cenário, falta tempo para o encontro face a face; para as pessoas, não sobra tempo para o compartilhamento ou para rever as culturas de origem. Tempos esses em que o convívio, grande marca humana, fica comprometido (BRAGA-CAMPOS; GUARIDO, 2007).

Frente a esse quadro, observa-se a impossibilidade de enfrentar qualquer situação individual ou unissetorialmente. Assim como a vida dos indivíduos é multifacetada, quem com eles trabalha

não pode prescindir da potencialidade das iniciativas institucionais públicas, e tampouco daquelas de ordem privada e individuais. Com a força de poder criativo que têm essas iniciativas reunidas, não podemos imaginar seus resultados separadamente: trabalhos de saúde pública, de promoção da saúde e da assistência social, da cultura, do esporte, da educação – básica ou universitária (GUARIDO; BRAGA CAMPOS, 2001). Exemplo disso é a atuação da Universidade Federal de São Paulo Campus Baixada Santista (UNIFESP-BS), em campos de estágio interdisciplinares dos cursos, nos territórios da Atenção Básica à Saúde (BRASIL, 2006), fomentando o encontro com o universo de famílias e coletivos de distintas realidades socioeconômicas e culturais.

“ **Enquanto isso,
as pessoas e a cultura do
plantio e da extração desses
alimentos se confinam em
suas regiões, e no mesmo
ritmo do ciclo vital –
nascer, crescer/envelhecer
e morrer, em um tempo
do humano que, mesmo
que pouco evidenciado,
igualam todos nós.** ”

O estudante universitário migrante enfrenta grandes desafios ao chegar a uma cidade distante de sua origem, com o objetivo de se graduar e se inserir em uma dimensão acadêmica com dinâmica específica. Esse momento é semelhante ao que várias comunidades migrantes enfrentaram em gerações anteriores. Partindo dessa premissa, o objetivo deste artigo é relatar a experiência de projeto de extensão universitária que buscou identificar e problematizar a diversidade cultural brasileira presente em dois grupos de sujeitos: alunos migrantes ingressos na UNIFESP-BS, aprendizes de sua própria cultura, e a comunidade nordestina do Monte Serrat, no município de Santos, que constitui um dos campos de estágio desta Universidade.

O TRABALHO CULTURAL COMO PROMOTOR DE SAÚDE

Um dos sofrimentos das pessoas que afeta a vida, no que diz respeito à saúde, é a falta de pertinência, pois são muitas em migração forçada pela busca de maiores oportunidades, que apresentam em determinadas regiões do País. Nessa busca de melhoria na qualidade de vida para os seus, veem sua rede familiar romper ou se esfacelar repentinamente, quando chegam aos novos territórios (BRAGA-CAMPOS et al., 2010). Tais transformações trazem o crescimento da vida urbana e afetam necessariamente o trabalho em saúde. Os três grandes cenários do cotidiano, como o *habitat*, a rede social e o trabalho (e/ou a escola) (SARACENO, 1999), sofrem transformações gerando perdas para o indivíduo, que demandam que os profissionais de saúde se impliquem com tal situação.

Milton Santos (1986, p. 85) contribui com a reflexão proposta, na medida em que defende :

A chegada incessante de migrantes à cidade aumenta a variedade de sujeitos comuns e das interpretações mais próximas do real [...] A temporalidade introjetada que acompanha o migrante se contrapõe à temporalidade que no lugar novo quer abrigar-se no sujeito. Instala-se, assim, um choque de orientações, obrigando a uma nova busca de interpretações.

Famílias inteiras, que migraram em busca de melhores condições de vida e desenvolvimento saudável para seus descendentes, passaram por um processo de adaptação na tentativa de se inserir no cotidiano, embora procurando manter suas tradições culturais. Exemplo disso é o fato constatado em visitas ao campo de estágio no Morro Monte Serrat em que 75% dos moradores do local são famílias advindas de uma mesma região cearense e, nesse movimento de se circunscrever no território, asseguram sua cultura viva em seu jeito de falar, alimentar, morar e conviver. Dar importância ao bem cultural imaterial que tem essa comunidade pode ser um fator de reconhecimento pelas próprias pessoas de seu valor histórico na constituição das gerações futuras e é a partir dessa analítica que buscamos desenvolver, por meio de ações extensionistas, intercâmbio cultural entre alunos migrantes e moradores migrantes em Santos, SP.

MÉTODOS

Para alcançar o objetivo proposto, buscou-se aliar a atuação da UNIFESP-BS em um dado território, no caso o Monte Serrat – como parte da formação em saúde, para a qual se faz necessário conhecer as necessidades locais e criar vínculos com os sujeitos que ali residem – ao acolhimento dos ingressantes universitários, de diferentes estados do País. Foram constituídos grupos de rodas de conversas, oficinas e

“ **Nesse cenário, falta tempo para o encontro face a face; para as pessoas, não sobra tempo para o compartilhamento ou para rever as culturas de origem. Tempos esses em que o convívio, grande marca humana, fica comprometido (BRAGA-CAMPOS; GUARIDO, 2007).** ”

atividades culturais entre os alunos ingressantes dos cursos da UNIFESP-BS e os moradores do Morro Monte Serrat, no município de Santos, comunidade composta, fundamentalmente, por migrantes do estado do Ceará.

O ponto de partida deste Projeto de Extensão é a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, tendo a interdisciplinaridade como suporte das ações. O campo de atividades dos cursos da UNIFESP-BS tem sido moldado pela integração entre os estágios curriculares e as ações de extensão e pesquisa. Nessa direção, este Projeto foi concebido no campo em que são desenvolvidas atividades de estágios curriculares e atividades teórico-práticas com o mesmo caráter, na região supracitada. Esse foi o cenário a partir do qual se procurou resgatar e intercambiar as culturas dos dois grupos de sujeitos selecionados: ingressantes

universitários de várias regiões do Brasil e a comunidade cearense de Monte Serrat.

NA CIDADE DE SANTOS: A UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO

A Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), instituição tradicionalmente da cidade de São Paulo, trouxe para a Baixada Santista seis cursos da área de Saúde: Psicologia, Nutrição, Fisioterapia, Terapia Ocupacional, Educação Física e Serviço Social. Este *campus* da UNIFESP respondeu à política universitária

“
O ponto de partida deste Projeto de Extensão é a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, tendo a interdisciplinaridade como suporte das ações.
”

brasileira de ampliar vagas públicas, reforçando e qualificando as universidades existentes e promovendo o deslocamento dos *campi* universitários em municípios sede de grandes aglomerados urbanos.

O Projeto-Político-Pedagógico (PPP) da UNIFESP-BS propõe uma importante mudança na formação de profissionais de saúde, ao priorizar uma formação sustentada pela integralidade das ações e pela interdisciplinaridade do conhecimento, em um trabalho constituído em equipes interprofissionais. Assim, os alunos são inseridos em turmas mistas dos seis cursos, em um sistema de ensino por problematização, que traz à tona os problemas reais da cidade para as salas de aula, quando o aluno toma contato e reflete sobre possíveis intervenções em diferentes espaços de promoção e atenção à saúde, mais próximas ao convívio cultural local (UNIFESP, 2006). Esses princípios do PPP do *Campus* revelaram, logo cedo, uma vocação extensionista entre seus docentes, técnicos e discentes.

Dessa feita, este Projeto de Extensão traça uma linha de atuação para além dos benefícios acadêmicos aos estudantes e docentes participantes, esperados em projetos dessa natureza. O seu caráter inovador reside na busca de reciprocidade, o que significa a inserção da comunidade acadêmica (docentes, alunos e técnicos) em uma comunidade da região dos Morros do município de Santos, como campo de práticas, ao mesmo tempo em que se realiza a promoção da própria comunidade acadêmica.

NA CIDADE DE SANTOS: OS MIGRANTES NORDESTINOS DO MORRO DE MONTE SERRAT

Município do litoral paulista com, aproximadamente, 500 mil habitantes, Santos tem espaço urbano bastante verticalizado, com alta densidade habitacional e é sede do maior porto marítimo da América Latina. Essa situação foi reforçada pela história de ocupação urbana da Região: inicia-se com atividades do Porto para depois aparecer na cena paulista como região de lazer e turismo (ARAÚJO; SHEIK, 2007; GONÇALVES; NUNES, 2008). As atuais descobertas do pré-sal forçando a ampliação tanto do Porto quanto da Petrobras, além da refinaria de Cubatão, alargam trilhas no mesmo caminho desse desenvolvimento na Região da Baixada Santista. Em sua topografia, a cidade é constituída de vários morros que se estendem para a Serra do Mar, cujas características são muito diferentes.

O Monte Serrat é um ponto turístico santista; em seu topo se encontra o Santuário de Nossa Senhora do Monte Serrat (Padroeira de Santos), construído em 1602, como simples capela. O acesso dos moradores locais se dá por uma escadaria de 415 degraus. Nesse morro, vivem 300 famílias, cadastradas pela equipe de Saúde da Família local, das quais quase 75% são provenientes de apenas duas cidades cearenses, que chegaram à cidade na década de 1960. Tais pessoas já fizeram gerações santistas: filhos, netos e até bisnetos, que moram no morro, estudam nas escolas da região e sofrem com as mesmas dificuldades de inclusão que qualquer população migrante em espaço urbano de alta densidade populacional, com difícil acesso ao lazer público, alto índice de violência etc.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: DIA A DIA NA CONSTRUÇÃO DO CAMINHO PERCORRIDO

Durante o primeiro ano de atividades, em 2010, o Projeto de Extensão contou com a participação de alunos dos seis cursos do *Campus*, professores de diferentes áreas e uma técnica pedagoga, além de uma musicista convidada, para o alcance do objetivo de promover o intercâmbio entre as culturas dos alunos e da comunidade do morro, a partir da constituição de grupos de rodas de conversas vividas pelos alunos com alguns moradores do Monte Serrat organizados a partir de entidades locais – associação de moradores, Pastoral da Criança, terreiro de Capoeira e bares da escadaria do morro.

As atividades desenvolvidas nesse período foram: identificação das culturas de origem dos alunos universitários e das famílias moradoras do morro; estudo dos hábitos alimentares e das festas populares; ampliação da recepção dos alunos novos para além dos espaços da Universidade; constituição de possibilidade de trocas culturais entre a cidade e as diferentes regiões do Brasil; incentivo ao reconhecimento das diferenças e respeito à diversidade; busca pelo conhecimento dos valores regionais tradicionais; além da promoção das diversas culturas por meio de eventos no topo do morro.

Inicialmente, realizamos reuniões com os universitários ingressantes, professores e técnicos, para o mapeamento das origens desses alunos. A partir daí, passamos à construção de um banco de dados sobre comidas, danças, músicas, traços culturais das regiões do Brasil e, principalmente, sobre os locais de origem de cada ingressante.

Realizamos oficinas sobre identidade cultural e rodas de conversas entre comunidade acadêmica e representantes da comunidade cearense do morro, para o reconhecimento cultural das diferenças e a consolidação do banco de dados. Os alunos puderam contatar e pesquisar seus próprios familiares, indagando sobre suas origens culturais e colhendo subsídios sobre o que fazer e o que mostrar nos encontros entre eles e em roda de conversa com a comunidade do morro, resgatando sua própria história e favorecendo o próprio reconhecimento.

RODAS DE CONVERSA E CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS: VIVENCIANDO BONS ENCONTROS

Para analisar o trabalho realizado até aqui, apoiamos-nos na perspectiva espinoziana dos encontros, que compreende o homem como um ser que se constitui nas relações com outros homens. Nessas relações, que se dão por meio de encontros, os corpos são afetados por inúmeras maneiras em que a potência de agir é aumentada ou diminuída (ESPINOSA, 1995). Desse ponto de vista, as situações vivenciadas podem ser relatadas como experimentações de bons encontros entre alunos, equipe de docentes e técnicos envolvidos e os participantes da comunidade escolhida, já que os encontros aumentativos de potência, vividos por indivíduos em liberdade compartilhando a alegria, podem ser definidos como um bom encontro.

Essa perspectiva nos ajuda a perceber que relações constituídas em bons encontros confirmam uma identificação entre iguais, que nos protege de um inimigo em comum, o isolamento social e afetivo (MOREIRA, 2007), pois promove trocas e potencializa novos encontros também aumentativos de potência. Isso porque o bom encontro é aquele que compõe o indivíduo em suas relações cotidianas, que se estende continuamente entre aqueles que se permitem vivenciá-lo.

Evidenciados alguns direcionamentos para o trabalho, realizamos oficinas musicadas para resgatar aspectos culturais dos próprios alunos envolvidos no Projeto e ainda promover maior conhecimento e integração da equipe de extensionistas (docentes, alunos e técnicos). O grupo se constituía a partir do autorreconhecimento e da valorização de suas próprias origens. Fez-se em ritmo de catira, o que poderíamos chamar o resumo poético musical do projeto:

1. O nosso Terreiro
eu trouxe p'r'aqui
tem comida boa,
mas não esqueça do pequi
2. Tô longe de casa
vim morar aqui,
com saudade dela
daqui a pouco eu quero ir

3. Encontrei com o mar
e a água tinha sal...
tudo é diferente,
mas a turma é legal

4. Ajuntar no caldeirão
toda essa cultura
essa é minha língua,
minha gente, meu Brasil.(Refrão)

5. Essa conversa boa
vem de muita trilha,
de norte a sul
é o que se tem lá em Brasília

6. Pão de queijo e a reza...
ô trem bão demais
isso só se encontra
lá pras bandas da Gerais

7. E café com pão
como um cordão
vai ligar São Paulo
ao *chopp* de Ribeirão

8. Do Morro à Lagoa
o Cristo abençoa
se é samba da Lapa,
ou *funk*-bossa numa boa!

(Refrão)

9. Na comunidade
do Monte Serrat
tem muita gente
vinda lá do Ceará

10. Da universidade
vamos ver por lá
com os que têm mais tempo
de encontro com esse mar.

11. Santos, porto e mar
caçara eu sou
e como o Peixe,
juntos nós fazemos gol.

Durante os encontros realizados, a equipe de extensionista falava de si, de suas origens, de suas famílias, de costumes que ficaram para trás. Evidenciava, cada vez mais, a busca pelo reconhecimento e importância dessa origem e a necessidade de ter sua cultura valorizada nessa nova cidade em que os ingressantes universitários passaram a habitar. Assim, esse espaço de convivência criado

permitiu ultrapassar as barreiras do isolamento e do individualismo para vislumbrar, na esfera pública, no convívio com o outro, uma vivência de afetos alegres, capazes de fortalecer os laços com os outros e com suas próprias origens, sua própria história familiar.

Outra composição foi um xaxado, utilizado para o cortejo na escadaria do morro, ao fazer os convites à comunidade cearense, e para apresentações em eventos internos da Universidade:

Ô nós aqui, querendo prosear com vocês que
vem lá do Ceará:

O que trouxeram e o que ficou por lá vem nessa
roda pra lembrança avivá.

Queremos ver o Ceará que existe aqui, sua
comida, sua reza, seu xaxado vem aí

que Padim Ciço abençoe esse cortejo com
alegria e molejo venha todos conferir!

Inicialmente o Monte Serrat apresentou-nos difícil acesso local, mas também um espaço circunscrito onde número expressivo de migrantes cearenses vive, dentro da cidade. Porém as diferentes trocas com o universo citadino promoveram escolhas diferentes: de religião, de aspirações sociais, conseqüentemente adaptações e até aculturação que fazia com que alguns mostrassem uma visível negativa de suas origens. Por exemplo, um morador que não respondeu ao convite por não gostar “do padre cangaceiro”. Vale lembrar que ele é uma imagem simbólica de sua terra, como conhecemos, tratada afetivamente por “Padim Ciço”. Encontramos também relatos de que “alguns não gostam de lembrar que são cearenses” e ainda que outros “vão ao Ceará e humilham aqueles que ficaram por lá, pois não queriam crescer”. O retrato de chegada à comunidade nos levou a trabalhar com a possibilidade de negação de sua própria cultura, vergonha de sua origem ou, até mesmo, uma discriminação vivida por essas pessoas ao chegarem a uma cidade do Sudeste brasileiro: “os baianos”; “os nortistas”.

Com esse pano de fundo inicial, conduzimos as primeiras inserções em busca de conhecer a cultura popular daquele grupo, ou seja, a aproximação de um “[...] conjunto de representações simbólicas geradas

na ação social, dependente dos papéis e posições ocupados pelos membros dos grupos dominados nos espaços permitidos pelas forças da hegemonia”, tal como pautados nas definições de Gomes e Pereira (1992, p. 74). Desse modo, nós nos aproximamos da ambiguidade existente nos discursos ouvidos, compreendendo que as forças populares estão circunscritas dentro de um modelo cultural dominante.

Talvez por isso, precisamos avançar no trabalho, absorvendo essa ambiguidade ao nosso modo de funcionamento, já que, do ponto de vista da cultura popular, “[...] há uma tensão que significa tanto a aceitação quanto repúdio: nessa dialética não existe

“ Nesse sentido, fomos vislumbrando que estávamos diante de um universo de registros simbólicos muito próprios, vividos de forma bastante ambígua que nos cabia reconhecer e analisar. ”

apenas passividade” (GOMES; PEREIRA, 1992, p.74). Tendo em vista essa tensão, nós nos atentamos aos grupos na mesma comunidade nordestina, que procuram manter alguns costumes: o Reisado Guerreiro, a Lapinha e o sanfoneiro das festas.

Chauí (1989) aponta que a manifestação da cultura popular se realiza no interior de um modelo societal hegemônico e único para todos, contudo é dotada de diferentes sentidos e finalidades em cada classe social. Nesse sentido, fomos vislumbrando que estávamos diante de um universo de registros simbólicos muito próprios, vividos de forma bastante ambígua que nos cabia reconhecer e analisar. Para Gomes e Pereira (1992, p. 74), a cultura popular resiste “[...] à imposição da norma culta, escapam-lhe ao controle, parecendo desaparecer aqui e renascendo lá, num processo dinâmico de recriação”. E esse passou a ser o norte de nossa permanência na comunidade do

Monte Serrat.

A continuação do trabalho com esses moradores se deu por várias inserções, a partir das quais as pessoas da mesma comunidade cearense começaram a nos presentear com sua cultura. Podemos destacar uma roda de conversa combinada para acontecer em frente a um barzinho na subida da escadaria principal do morro. Para aquele encontro, estava prevista uma oficina de memórias e cultura, em que cada extensionista levaria algum alimento típico de sua região, ofertando um lanche coletivo. Surpreendentemente, quando lá chegamos, havia um banquete oferecido pela dona do bar, cujo cardápio era baião de dois. Durante a roda de conversa, uma das participantes apresentou o prato: origem e modo de preparo. E para aflorar a memória cultural, seguiu-se um canto anônimo do Centro-Oeste, um conto pessoal:

A saudade que se guarda/das coisas da vida/
que a gente gostou. Posso inté arrelembra /
tanta coisa boa /que já se passou... quanto mais
passar o tempo/de minha terra eu lembro/
mais memória vem.../ah, quanta lembrança
boa/que ninguém mais fala/e agora eu vou
contar:/(alguém lembra alguma coisa)/ai, ai,
sr(a)_____/isso não é brinquedo!/parece que
saudade mata/mas se a lembrança é boa/eu
estou sem medo.

As lembranças giraram em torno de fatos infantis e de traquinagens vividos em espaços domésticos. Destacou-se que os quintais propiciavam maior liberdade de movimento e situações de encontros familiares; com isso, as crianças tinham mais possibilidades e contatos, e hoje, a ausência deles acaba por restringir muitas brincadeiras.

O que pudemos depreender daquele encontro, foi que ali nascia uma construção de vínculo importante, pois pessoas da mesma comunidade que, anteriormente, em relato, negavam seu representante afetivo, em outro momento ofereciam uma comida típica regional, convidando-nos a fazer parte de convívio. Convite posto, convite aceito e os participantes deste projeto saíram em pesquisa sobre vários elementos culturais que podiam contribuir para essa aproximação. A partir de pesquisas sobre o Ceará: termos regionais, simpatias, histórias e cantigas, receitas de comidas, brincadeiras e brinquedos,

estórias assombradas e, por fim, suas festas e danças peculiares.

Seguimos na direção de bens culturais materiais e imateriais, pois por eles nos apresentamos e somos reconhecidos e, assim, a comunidade cearense foi se descortinando para os extensionistas de forma concreta, com todas as ambiguidades que a compõem, e se afastando de uma compreensão abstrata e idealizada, de uma comunidade distante e fechada em um ponto turístico. Nesses encontros, construímos uma zona de aproximações entre as pessoas que antes não se reconheciam como co-habitantes do mesmo lugar ou como vizinhança. “A vizinhança obriga as pessoas a se compararem e a se perguntarem sobre as suas diferenças, seja ela próxima ou distante. Essa já é uma indagação de natureza política” (SANTOS, 2002, p. 60).

A possibilidade de habitar o mesmo espaço público devolveu uma coexistência viável com o diverso e a aceitação das diferenças. Para Damatta (1997, p. 15), casa e rua são categorias sociológicas que designam “[...] entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas”. Segundo Mayol (2003), a vida pública e a privada não estão de costas uma para a outra, como mundos exógenos que apenas coexistem, pois são interdependentes, já que, no bairro, uma não tem nenhuma significação sem a outra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devemos deixar claro que este Projeto está em franco movimento e tem-se transformado a cada encontro. No atual momento, retomamos alguns preceitos iniciais, reavaliando e construindo novas possibilidades de encontros culturais, seja no âmbito universitário, seja no morro. De toda maneira, o fruto maior deste trabalho foi o efeito nos próprios alunos engajados, pois compreendemos, tal como falou um pesquisado por Gomes e Pereira (1992, p. 3), que “o mundo é feito de muitas sabedorias”, e que pudemos vivenciar uma aproximação entre a cultura popular e

a cultura considerada erudita, do universo acadêmico. Como essa cultura popular se apresenta escorregadia e em constante transformação, encontramos, em um nicho da cidade de Santos, um espaço fértil para que a cultura acadêmica não nos faça perder nossas origens culturais, nem a cultura regional brasileira.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, H. P. P.; SHEIK, J. A. P. **Santos, uma história de pioneiros, piratas, revoltas, epidemias, carnaval e futebol**. São Paulo: Realejo, 2007.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Atenção Básica**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006, 60p. Disponível em: <http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_atencao_basica_2006.pdf>. Acesso em: 02 maio 2011.
- BRAGA-CAMPOS, F. C.; GUARIDO, E. L. O psicólogo e as necessidades de quem o procura. In: SPINK (Org.). **A psicologia em diálogo com o SUS**. SP: Casa do Psicólogo, 2007.
- BRAGA-CAMPOS, F. C.; MEDEIROS, M. A. MOREIRA, M. I. B. O terreiro lá de casa – tem pequi, cuxá, pão de queijo e jambu... tem congada, boi-bumbá e maracatu... **Projeto de Extensão Universitária**, Universidade Federal de São Paulo Campus Baixada Santista, Santos, 2010.
- CHAUÍ, M. **Conformismo e resistência** – aspectos da cultura popular no Brasil. SP: Ed. Brasiliense, 1989.
- DAMMATA, R. **A casa e a rua**. RJ: Rocco, 1997.
- ESPINOSA, B. **Pensamentos metafísicos e ética**. SP: Nova Cultural, 1995. Coleção Os Pensadores.
- GARCIA, R. W. D. Reflexos da globalização na cultura alimentar. **Rev. Nutr.**, Campinas, 16 (4), p. 483-492, out./dez., 2003.
- GOMES, N. P. M.; PEREIRA, E. A. **O mundo encaixado**, EDUFJF/Mazza Edições, 1992.
- GONÇALVES, A.; NUNES, L. A. P. **O grande porto: a modernização no porto de Santos**. Santos, SP: Realejo Edições, 2008. 323p.
- GUARIDO, E. L.; CAMPOS, F. C. B. Clínica ampliada e a prática do psicólogo na saúde pública. **Revista Múltipla**, CRP/SP, 2001.
- MAYOL, P. Morar. In: CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano 2: morar e cozinhar**. 5. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003. p. 37-45.

MONTEIRO, C. A. et al. Increasing consumption of ultra-processed foods and likely impact on human health: evidence from Brazil. **Publ Health Nutr** 2011; 14, p. 5-13.

MOREIRA, M. I. B. **Se esta casa fosse minha**: habitar e viver na cidade a partir de uma residência terapêutica. Vitória, 2007. Tese (Doutorado em 2007) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, 2007.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo** – globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Ed. Hucitec, 1986.

_____. **O país distorcido**. SP: PubliFolha, 2002.

SARACENO, B. **Libertando identidades**. RJ: Relume Dumara, 1999.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO. Campus Baixada Santista. **Projeto Político Pedagógico**: a educação interprofissional na formação em saúde a competência para o trabalho em equipe e para a integralidade no cuidado. Disponível em: <<http://prograd.unifesp.br/santos/download/2006/projetopedagogico.pdf>>.